

Apresentação

“(…) por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem”.

Michel Foucault,
As palavras e as coisas

Durante séculos, a América Latina sofreu e, por que não dizer, continua a sofrer um intenso processo de esmagamento pelos centros “hegemônicos” do poder econômico, político e cultural internacionais. O olhar crítico sobre a nossa história latino-americana, tanto passada, quanto recente, incide sobre designações que personificaram, historicamente, entre nós, os agentes da opressão declarada ou silenciosa: pacto colonial, mercantilismo, escravidão indígena e africana, latifúndio mono-cultor, evangelização forçada, patriarcalismo, repressão feminina, ditaduras militares.

O efeito natural desse processo de esmagamento produziu o atraso cultural das nações do continente, a horrenda miséria que atinge amplas camadas dos nossos povos, mas sobretudo a alienação, a qual não é exclusiva das camadas mais pobres da população, e que tem obliterado a visão dos latino-americanos em relação aos seus direitos

mais plenos de dignidade e de participação direta nos destinos das suas respectivas nações.

Considerando esse horizonte cultural, é impossível pensar as produções discursivo-culturais da América Latina sem ter presente, nessas considerações iniciais, essas limitações que nos pesam, nos oprimem e tentam, muitas vezes, impedir nosso avanço em direção a um horizonte mais justo e equilibrado. A dura constatação dessa realidade estimula, ainda mais, a necessidade de entendermos e, talvez, modificarmos os quadros, nos quais estamos inseridos.

As manifestações artísticas latino-americanas testemunham esse obstinado desejo que a arte desenvolveu de converter a brutalidade, a crueza e o incessante sofrimento, que sempre acompanharam nossos povos de fala portuguesa e hispânica, em produções estéticas

marcadas por engenhosidade, criatividade e luminosidade fulgurantes.

Ora, esse traço *sui generis* da arte latino-americana foi percebido por Eduardo Galeano, que, em uma entrevista à BBC de Londres, acerca de sua obra *Memórias del fuego* mencionava a obra do escultor barroco brasileiro, Antonio Francisco Lisboa, O Aleijadinho, como o testemunho mais veemente da superação promovida pela arte na América Latina. Segundo o escritor uruguaio, o Aleijadinho confeccionou suas desconcertantes esculturas em urna cultura luso-brasileira, marcada por urna violenta exploração colonial. A vivência desse mundo marcado pela repressão metropolitana e imperialista, bem como pela percepção do avanço da doença que lhe apodrecia os membros, com os quais talhava a pedra, não impediram, no caso do Aleijadinho, o ímpeto para a criação. Em meio à degradação da sociedade brasileira setecentista e à decomposição do próprio corpo, que se tornava, gradativamente, putrefacto, o escultor barroco soube converter a sujeira, a miséria, o preconceito e a opressão em beleza extrema, permanente, de pedra.

É essa habilidade criativa da cultura latino-americana que transparece nos artigos reunidos, nesse quarto número da *Revista Língua & Literatura*.

No primeiro artigo, Francisco Domínguez, diretor do Centro de Estudos Latino-americanos da Universidade de Middlesex, em Londres, analisa a obra do escritor uruguaio, Eduardo Galeano. O estudo de Domínguez recorta na ampla obra de Eduardo Galeano, textos tais como *As Veias Abertas da América Latina*, *Memórias do Fogo* e *O livro dos abraços*, estudando-os mediante três questões recorrentes na produção do escritor sul-americano: resistência, identidade e dependência.

Na seqüência, Márcia Hoppe Navarro, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, discorre sobre a obra da escritora

porto-riquenha Rosário Ferré, ainda pouco conhecida do público leitor brasileiro. O artigo de Márcia Navarro detecta nos romances de Rosário Ferré a desconstrução promovida pela escritura feminina do discurso patriarcal, bem como a revisão e (re)escritura da História porto-riquenha, através da ótica das mulheres.

Nelci Müller, da URI, *Campus* de Santo Ângelo, entrelaça em sua abordagem a poesia e a História da América Hispânica. A investigação de Müller volta-se para a cultura indígena da América Latina, demonstrando que inúmeras obras literárias proporcionam a visão da sensibilidade artística e do alto nível cultural de vários povos indígenas latino-americanos.

Aureliano Calvo-Hernández, professor de Literatura Hispano-americana da URI, *Campus* de Frederico Westphalen e da PUC-RS, problematiza em seu artigo o ensino da Língua e Literatura espanholas, estabelecendo uma série de questionamentos acerca da dicotomia entre teoria e prática no processo de aprendizagem.

O quinto estudo é de autoria da Prof.^a Ada Hemilewski, professora de Literatura Brasileira da URI, *Campus* de Frederico Westphalen. Em seu artigo, Hemilewski analisa como Alejo Carpentier, em *O recurso do método*, realiza uma interlocução entre História e Ficção, colocando o leitor em contato com a História das comunidades latino-americanas.

O último artigo é de minha autoria e, nele, tento aproximar dois escritores, muito

diferentes: o argentino, Jorge Luís Borges e o alemão Bertolt Brecht. Ambos escritores insistem na dimensão inventiva da linguagem.

Esse quarto número da *Revista Língua & Literatura* se caracteriza, também, por algumas mudanças formais da publicação, recomendadas pelos consultores do Ministério da Educação para melhorar a produção intelectual desenvolvida no âmbito do curso de Letras. Em função dessas sugestões, os próximos números serão dedicados, alternadamente, à Literatura e à Lingüística. Além disso, procurando tornar favorável a recepção e a circulação da revista em outras universidades brasileiras e do exterior, investimos numa nova capa, procurando alcançar uma alta qualidade gráfica. Investimos, ainda, na criação de um conselho editorial externo, composto por pareceristas de importantes universidades brasileiras: UFRGS, UFSC, UNISINOS, UFOP e PUCRS. A esses pareceristas caberá nos ajudar na busca da qualidade desejada para os artigos publicados na revista. A esses membros do conselho editorial, que manifestaram sua disponibilidade e

que, generosamente, exprimiram sugestões, agradecemos sinceramente.

E, como não podia deixar de ser, cabe-nos formalizar um agradecimento à Prof.^a Celestina Sityá, fundadora da *Revista Língua & Literatura*, pois, sem o seu esforço e, sobretudo, sua clarividência, a revista não teria vindo à luz e chegado onde chegou.

As transformações que a revista vem assumindo ao longo desses quatro últimos números não anulam, tampouco alteram, o que desde o primeiro número foi estabelecido como linha diretriz para a *Revista Língua & Literatura*: espaço privilegiado para os estudos avançados da Língua e da Literatura em nossa universidade. Por isso, torna-se oportuno retomar a idéia de Foucault, destacada no início deste texto, a qual traduz tão bem a tensão entre linguagem e realidade. Isto é, a realidade nunca será completamente traduzível e descrita pelos discursos que sobre ela se voltam. Contudo, as sucessões da sintaxe, nada mais são que a busca sempre imperfeita e insatisfeita de uma realidade que sempre nos escapará, mas que tentamos, sem resignação, alcançar.

Prof. Gerson Luiz Roani
Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação em Letras
URI - Frederico Westphalen, RS

